

Maioria da população se declara petista ou bolsonarista convicta

29% são muito petistas e 25%, muito bolsonaristas, diz pesquisa Datafolha

Polarização segue estável no país depois de quase seis meses do terceiro mandato de Lula, mostra novo levantamento do instituto

Igor Gielow

SÃO PAULO Quase seis meses após a posse do presidente Lula (PT), eleito na disputa mais apertada da história da redemocratização brasileira contra Jair Bolsonaro (PL), a polarização segue dando as cartas no país. Se dizem petistas convictos 29% dos eleitores, enquanto 25% se qualificam como muito bolsonaristas. Os dados, aferidos pelo Datafolha em sua mais recente pesquisa nacional, mostram um quadro de estabilidade em relação às duas rotundas anteriores em que a questão foi colocada.

Em dezembro, 37% se diziam petistas, número que foi a 37% em março. Bolsonaristas eram 25% no fim de 2022 e 23% há três meses.

Nesse levantamento, foram ouvidas pelo instituto 2.010 pessoas com 16 anos ou mais, de 12 a 14 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou menos, o que demonstra o cenário estável de ciso nacional.

Como nas outras vezes, o Datafolha mensurou o espectro da polarização, partindo de 1 (totalmente bolsonarista) a 5 (totalmente petista), tendo a como uma classificação de mais bolsonarista que petista, 4, o contrário, e 3, um ponto de neutralidade.

Os números também se mostraram estáveis. Agora em junho, 7% se dizem mais bolsonaristas que petistas e 10%, o inverso. Já 20% se colocam no centro da escala, enquanto 8% afirmaram não preferir nenhuma das designações.

Portanto, no cômputo geral, tem-se um país com 38% de petistas e filopetistas (a soma dos dois grupos não totaliza 38%, como indicariam os dados isolados, devido aos arredondamentos), ante um contingente de 37% de bolsonaristas e simpatizantes.

Os petistas mais petistas, por assim dizer, seguem as linhas de fratura usuais que acompanham a preferência pelo PT desde que o partido antagonizava com o PSDB o protagonismo da política.

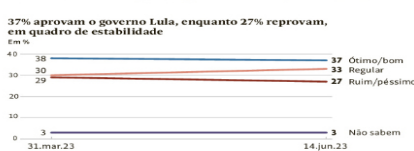
Assim, são mais petistas os nordestinos (41%), os menos instruídos (40%) e os mais pobres (38%). Aqui, a vantagem eleitoral para Lula decorre do fato de esses serem estratos volumosos na amostra populacional da pesquisa, 20%, 32% e 48% dos ouvidos.

Seguindo o manual da polarização, que por sua vez trouxe certas variações mais diretas a eleitorado antipetista associada até 2014 ao tucanato, são mais bolsonaristas os mais velhos (31%, 29% dos ouvidos), os evangélicos (34%, 29% dos entrevistados) e os sulistas (26%, 15% da amostra).

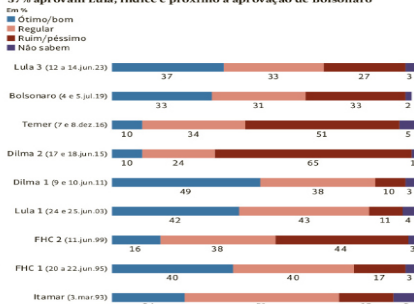
A estabilidade registrada desde dezembro nesses dados mostra uma certa impermeabilidade do eleitorado a fatos mais ou menos agudos. Este ano já registrou uma grave crise associada ao golpe-missil bolsonarista, nos atos de 8 de janeiro em Brasília, e um desgaste crônico de Lula devido à má articulação política.

Nem um fato nem outro mudou opiniões de forma sensível. Resta saber como se comportam os bolsonaristas com a eventual suspensão dos direitos políticos do ex-presidente, que tem julgamento marcado para próximo dia 22 no Tribunal Superior Eleitoral e chances de ficar sem poder disputar eleições por cinco anos.

Datafolha de avaliação do governo Lula após seis meses

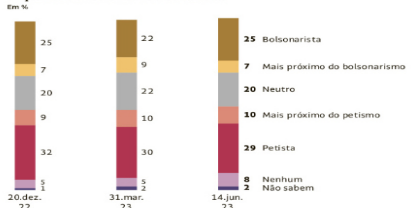


37% aprovam Lula; índice é próximo à aprovação de Bolsonaro



Pesquisas Datafolha realizadas entre cinco e seis meses após o início de cada mandato presidencial, com variações entre número de cidades e respondentes

39% dos entrevistados afirmam ser petistas, enquanto 32% se dizem bolsonaristas



Fuente: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente, com 2.010 pessoas de 16 anos ou mais em 113 municípios pelo Brasil entre os dias 12 a 14 jun.; a margem de erro é de 2 p.p. para mais ou para menos

Lula é aprovado por 37% e reprovado por 27%; quadro é estável

O levantamento do Datafolha também mostra que Lula mantém sua aprovação estável. Consideram que ele faz um governo ótimo ou bom 37%, enquanto 27% o avaliam como ruim ou péssimo. Para 33%, o petista é regular e 3% não opinaram. Em comparação com a aferição anterior, realizada em 29 e 30 de março, os números variam dentro da margem de erro da pesquisa. Aos três meses de mandato, Lula

tinha aprovação de 38% e reprovado de 27%, visto como regular por 30%. Em termos relativos, os números trazem mais e boas notícias para o petista, que está em seu terceiro mandato. Começando pelo lado negativo, eles repetem o pior desempenho de um mandatário eleito em primeiro mandato desde a redemocratização de 1985 e, para desgosto da militância, emula o desempenho do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). A esta altura do mandato, o ex-presidente tinha 37% de aprovação, 33% de reprovado e 31% de avaliação regular.

Lula é aprovado por 37% e reprovado por 27%; quadro é estável

Usando os limites da margem de erro, é um empate técnico com ligeira vantagem numérica para Lula. Mas o petista perde para Fernando Henrique Cardoso (PSDB) em 1995 (42% de ótimo/bom, 43% de regular e 17% de ruim/péssimo), para si mesmo em 2003 (42%, 43% e 18%) e para o sucessor, Dilma Rousseff (PT), em 2011 (49%, 38% e 10%). Comparando com seu desempenho após a reeleição de 2006, o que não pode ser feito de modo direto pois tratou-se de um governo de continuidade, ele também perde: esta altura de 2007, tinha 48% de aprovação, 37% de regular e 14% de reprovado. Como diz o clichê, pesquisas são fotografias. FHC se reeleveu completo o mandato. Dilma venceu a segunda eleição: sofreu impeachment dois anos depois, Bolsonaro não bateu Lula. Mas fortes dizem algo sobre a realidade política, e aí entra o campo positivo para o presidente. Seu governo enfrenta uma crise política em capítulos, algo agônico, mas com aparente repercussão nula no eleitorado. Lula vive embaite com a Câmara, capitaneada pelo centro de Arthur Lira (PP-AL), que já lhe trouxe toda sorte de dificuldades e que deverá obrigá-lo a fazer alterações no ministério para agradar neoliberais. Isso para não falar em questões mais distantes do eleitorado, como os críticos movimentos de política externa do petista. Nada disso melhorou ou piorou de forma significativa sua avaliação. Ao contrário, a estratificação dos dados de aprovação mostra que tudo segue como antes no reino da polarização brasileira.

Aprovam mais Lula aqueles de renda mais baixa (até 2 salários mínimos, 43% de ótimo/bom), menos escolarizados (47%) e nordestinos (47%). Neste último grupo, ainda que dentro da margem maior de erro dele (4 pontos), houve uma oscilação negativa mais expressiva na aprovação: de 9 pontos ante março. Já a reprovado ao petista cresce em grupos combatidos. Dos que ganham de 2,5 salários mínimos, a dita classe média baixa, e entre moradores do Centro-Oeste são 34% os que o reprovam. Entre sulistas e evangélicos, 37%, e entre a minoria (4% da amostra) mais rica (mais de 10 mínimos mensais), 42%. A pesquisa traz um desvio maior na curva de avaliação de Lula entre aqueles que ganham de 2 a 3 mínimos mensais (R\$ 6.600 a R\$ 13.200). No grupo, houve a maior queda de reprovado, de 15 pontos percentuais em relação a março (47% para 32%). Mesmo considerando que a margem de erro nesse subgrupo é maior, de 7 pontos percentuais, é notável. A questão não foi feita, mas um evento do noticiário que pode ter chamado atenção para esse estranho no período foi a discussão que levou a queda do preceito eleitoral em categorias de autônomos. Mas isso é especulativo. As boas notícias relativas da economia, como a aprovação inicial do arcabouço fiscal pelo Congresso, a queda do preço do dólar ou a melhoria da perspectiva do risco-país, seguem abstratas para a maior parte da população. Aqui, a estabilidade na taxa de desemprego (8,5% no primeiro trimestre) conversa mal com os números inalterados de Lula.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4 e 5